

ESTANDARTES DE IDENTIDADE: O LUGAR DA INFÂNCIA NA DECORAÇÃO DAS ESCOLAS.

LOPES, Jader Janer Moreira - Universidade Vale do Rio Verde / Centro de Ensino

Superior de Juiz de Fora

GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos / n. 07

Agencia de Financiadora: não contou com financiamento

“Nasci numa tarde de julho, na pequena cidade onde havia uma cadeia, uma igreja e uma escola bem próximas uma das outras, e que se chamava Turmalinas. A cadeia era velha, descascada na parede dos fundos (...) A igreja era velha, porém não tinha o mesmo prestígio. E a escola, nova de quatro ou cinco anos, era o lugar menos estimado de todos. Foi aí que nasci: nasci na sala do 3 ° ano, sendo professora D. Emerciana Barbosa, que Deus tenha. Até então, era analfabeto e despretensioso. Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que descia da serra era bravo e parado. A aula era de geografia, e a professora traçava no quadro negro nomes de países distantes. As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio, a Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então, nasci. De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever. Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, a não ser bonecos sem pescoço, com cinco riscos representando as mãos. Nesse momento, porém, minha mão avançou para a carteira à procura de um objeto, achou-o, apertou-o irresistivelmente, escreveu alguma coisa parecida com a narração de uma viagem de Turmalinas ao Pólo Norte.”

Carlos Drummond de Andrade

A casa simples de tijolos e cobertura de telhas era enegrecida por dentro pela fumaça emanada do fogão de lenha e num banco de madeira no canto do fogão, sentados, eu e um senhor de 78 anos conversávamos sobre diversos assuntos.

Em suas falas lembranças de um tempo de ser criança, que era “*bem diferente*”, do momento atual. De uma infância “*dura*”, em que tempo para brincar, quase não havia:

“(...) antigamente as crianças eram escravizadas mesmo né...não podia brincar não...as crianças era tudo ocupada...tudo tinha obrigação...não tinha tempo de brincar não...trabaiva muito... nois trabaiva muito...o dia intero na roça...se parava pra brincar inté apanhava...de manhã aguava horta...varria terrero.. catava lenha pru fogão...fazia uns fardos e amarrava com tiras de pano...mais tarde morto de cansado ia dormir...não tinha tempo prá brinquedo não...nois foi criado nun sufoco danado...se sobrasse um tempo podia brincar...mas não tinha brinquedo não... A gente furava o limão, passava cinza nos dois lados e espetava vareta de arame prá rodar...roupa num tinha...ia prá escola descalço era aquela roupa para tudo...não tinha condição de comprá...até os lápis da escola quando

tava acabando...meu pai partia ele no meu tirava o grafite e anarrava na taquara de bambu prá render mais.”¹

Suas afirmações me deslocaram o pensamento para o momento atual e me fizeram levantar algumas implicações envolvendo as crianças, seus lugares na contemporaneidade, suas identidades e seus espaços escolares.

Em um texto intitulado “A vanguarda do atraso e o atraso da vanguarda”, OLIVEIRA (1998) demonstrou que no processo de colonização da América Latina, as regiões que se constituíram como colônias de exploração nasciam na vanguarda da produção capitalista da época e que, por sua vez, as de povoamento representavam a retaguarda do sistema. O que parecia uma aparente vantagem significou historicamente um outro caminho.

Na atualidade, a incorporação das regiões subdesenvolvidas ao sistema neoliberal, como é o caso da realidade brasileira, repete o mesmo percurso histórico de nossa origem ao reafirmar nossa condição periférica.

A homogeneização de uma forma de ser, que tem como rótulo a concepção de globalização, tende a pasteurizar a cultura ocidental como a melhor, a prioritária em detrimento de outras.

Nesse novo ângulo, o sentido de infância, fruto de uma construção social, altera-se. A ótica neoliberal, construída no jogo de interesse dos conglomerados nacionais e internacionais, tem encontrado na criança uma fonte fértil para a produção de capital e tem exercido um papel de reformulação em sua concepção tradicional ao elaborar “novos currículos de aprendizagens” e assumir a condição de educadores.

Pais e mães aprendem desde cedo o que é bom para seus filhos, quais os melhores caminhos para criá-los. Surgem novos currículos, que propõem a individualidade, a competição e o consumo como seus objetivos pedagógicos.

Programas destinados ao público infantil ensinam (disfarçados por categorias de gênero, por exemplo, onde disputam meninos contra meninas) a competição como algo natural e sadio. Nas entrelinhas, aprende-se como negar o outro, como eliminá-lo.

Os comerciais descortinam um novo mundo infantil, que reduz o ser criança ao que é produzido para a infância. A criança contemporânea é aquela que consome o leite industrializado e enriquecido para os recém-nascidos; bolachas, iogurtes e fermentados para o desenvolvimento; que compra brinquedos; que veste determinada roupa ou calça, determinado tênis ou sandália, que se “alimenta” de tudo que o mercado de consumo convencionou para ela; que altera seu modo de vestir; que se perde no “fetichismo” do corpo; e que cada vez mais rompe as barreiras do mundo adulto.

Os espaços tradicionais de vivência de infância são lentamente deslocados, e os novos territórios erguidos são os “shopping center”, as grandes redes de “fast-food”, os parques pagos como os lugares privilegiados das crianças que, no passado, foram retiradas das ruas para dentro de casa e escolas, agora, são deslocadas para esses espaços privados, mediatizados pelo senso de segurança, encerrados na lógica do consumo, acessados através do capital.

E como fica o papel da escola nesse processo? Essa foi uma das questões que norteou uma pesquisa mais ampla envolvendo os espaços e as identidades de crianças migrantes e que, parte dela, aqui apresento.

¹ Nota expandida. Trabalho de Campo ocorrido na Zona da Mata de Minas Gerais, coletada em 2000.

Observações feitas numa cidade de porte médio da Zona da Mata de Minas Gerais, a partir dos desenhos presentes na fachadas de várias escolas localizadas na área urbana e, mais pontualmente, em duas escolas particulares e três escolas públicas do mesmo município, demonstraram que o espaço escolar acaba sendo um local de continuidade com esse modelo de sociedade e não um espaço de ruptura.

O nome de algumas escolas, a decoração das fachadas externas, os painéis e desenhos afixados nas paredes internas, os enfeite presentes nos pequenos objetos utilizados no dia a dia, como potes para lápis de cor, pastas para guardar trabalhos, caixas de brinquedos divulgam os mesmos personagens disseminados pelas grandes empresas que, hoje, buscam na infância uma forma de se reproduzirem.

No espaço escolar estão presentes marcas de personagens difundidos pela televisão, pelo cinema e mídia em geral: heróis, vilões, príncipes, princesas e outros personagens são figuras que se misturam no arranjo das salas e fazem parte das rotinas das crianças. A decoração das salas de educação infantil e das primeiras séries do ensino fundamental se configuram como verdadeiros estandartes de divulgação desses personagens e constituiriam uma forma de vivência e de identidade de infância.

Isso torna-se possível pois os referenciais presentes no espaço físico fixam-se como materiais importantes de identificação entre os sujeitos constituindo-se como elementos de formação uma vez que “as relações do indivíduo com o espaço fazem parte dos primeiros aprendizados culturais e não cessam de se desenvolver”². (...) estruturando formas silenciosas de aprendizagem, nas palavras de ESCOLANO (1993-4):

(...) el espacio-escuela es además un mediador cultural em relación a la génesis y formación de los primeros esquemas cognitivos y motóricos, es decir, un elemento significativo del *currículum*, una fuente de experiencia y aprendizaje. Más aún, la arquitectura escolar, (...) puede ser considerada incluso como una “una forma silenciosa de enseñanza”³

É nesse sentido que os espaços lentamente se constroem como lugares (TUAN, 1980; 1983) e passam a ser dotados de valores e inserem-se na geografia social do grupo, que o passa a perceber como sua base, sua expressão, como seu território vivido.

Têm, assim, um caráter essencialmente semiótico na medida em que se estabelecem como símbolos, e devem ser analisados como uma teia de significados que ao, ser construída por um determinado grupo social, também o constrói e estabelece sentido de existência para todo o grupo. Ao entrarem na formação de nossa subjetividade, nos acompanha ao longo da vida:

(...) El conocimiento de sí mismo, la historia interior, la memoria, em suma, es un depósito de imágenes. De imágenes de espacios que, para nosotros, fueron alguna vez, durante algún tiempo. Lugares en los que algo nuestro quedó, allí, y que por tanto nos pertenecen; que son ya nuestra historia. (...)

Esta toma de posesión del espacio vivido es un elemento determinante en la conformación de la personalidad y mentalidad de los individuos y de los grupos.”⁴

² CLAVAL, 1999. p. 189

³ p. 100

⁴ FRAGO, 1993-4. p. 19

A infância figurada está sendo lentamente retocada e definida a partir de novos traços que marcam o que é ser criança, convencionados pelo mercado consumidor. O mesmo capital que construiu o sentido moderno de infância burguesa está fazendo-a desaparecer. Diferente, portanto, da afirmação defendida por alguns sobre o fim da infância (como é o caso de Postman, 1999), o que poderíamos afirmar é o fim de uma infância constituída temporalmente e não o fim de uma posição social do ser criança, o que temos é o estabelecimento de novos feixes sociais que reordenam suas identidades e sentidos.

E se para as crianças, o espaço escolar é uma das dimensões de construção de suas identidades, percebemos que muitas vezes, esse reforça o novo ângulo proposto para o ser criança na contemporaneidade, uma vez que além de se estruturar como elementos de aprendizagem, o arranjo espacial permite compreender o desejo e os propósitos de seus idealizadores em dada época, pois “están dotados de significaciones y transmiten una importante cantidad de estímulos, contenidos y valoraciones del llamado *currículum* oculto, al mismo tiempo que imponem sus leyes como organizaciones disciplinarias.”⁵

Referências Bibliográficas:

- . ESCOLANO, Agustín. **La arquitectura como programa. Espacio-Escuela y currículum** in Historia de la educacion. Salamanca: Edições Universidade de Salamanca. 1993-4.
- . FRAGO, Antonio Viñao. **Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones in** Historia de la educacion. Salamanca: Edições Universidade de Salamanca. 1993-4.
- . OLIVEIRA, F. de.. **A vanguarda do atraso e o atraso da vanguarda.** Globalização Neoliberalismo na América Latina. In **O Surgimento do antivalor.** Rio de Janeiro: Vozes. 1998. pp. 205-221.
- . POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- . TUAN, Yi-Fu. **Topofilia.** São Paulo: Difel, 1980.
- . _____ . **Espaço e Lugar.** São Paulo: Difel, 1983.

⁵ ESCOLANO, 1993-4. p. 100